JORNAL DA TARDE

Sarney

Terça-feira, 8-3-88

Farinha do mesmo saco

Octávio Thyrso de Andrade

É impossível prever aonde vai o sr. José Sarney. Ora conduz-se como se fosse retornar à prudente política econômico-financeira esboçada pelo sr. Tancredo Neves. Às vezes recai em incoerente palavrório demagógico à cata de inatingível popularidade. As alterações de comportamento sempre ocorrem em curto lapso de tempo e o transformam naquela risível personagem da historinha de cordel que, um dia, "cavalgou o fogoso corcel e partiu a galope em todas as direções".

Televisões e jornais dão-nos pormenores das negociações no exterior. Afinal ter-se-ia posto fim ao obscurantista período Funaro-Bresserista. Não mais seremos expostos à logorréia de mediúnicos Tartufos alçados ao Poder para explorar estúpidos preconceitos e escumar, através dos meios de comunicação, a própria imensa e abismal ignorância. As autoridades poupar-se-iam, de agora em diante, de transformar o FMI e outras agências internacionais em bode expiatório de males resultantes do malbarato de recursos públicos e do onímodo intervencionismo estatal. O presidente haveria afinal notado que, entre agosto de 82 e o fim de 84, o FMI apoiou o reajuste da economia de 70 países com empréstimos totalizando 22 bilhões de dólares. Mais, ainda: cada dólar emprestado pelo Fundo liberou entre quatro e sete dólares de novos empréstimos e refinanciamentos concedidos por bancos e governos (**The Economist**, 12 fev., pág. 75).

Mas, como dar crédito aos relâmpagos de sensatez quando, ainda em fevereiro último, o sr. José Sarney enfiou o Brasil no saco-de-gatos da América Latina e anunciou que nosso país "trocou definitivamente o sonho de estar entre os ricos pela opção de ficar vinculado à nossa região e lutar com os países irmãos"? Se os problemas da dívida brasileira forem mesmo discutidos "no âmbito de uma coordenação e consulta permanente entre os nossos governos (os da América Latina)", os esforços do honrado sr. Maílson da Nóbrega junto aos banqueiros e agências oficiais internacionais estarão inevitavelmente dependentes dos humores do sr. Allan Garcia, populista peruano, da precária estabilidade do dr. Alfonsin e dos altos e baixos da fragílima gangorra institucional ibero-americana. Ao dispor-se a reconhecer tacitamente o governicho do narcotraficante militarizado do Panamá — juntamente com Nicarágua e Cuba (boa companhia!) — e ao lançar a sua jangada à frente da força naval britânica em manobra nas Falklands, empenha-se o sr. José Sarney em dar mão forte ao seu ministro da Fazenda e aos não menos honrados embaixadores do Brasil em Washington e Londres, para os ajudar a obter lá fora capitais indispensáveis ao desenvolvimento do País, ou lança uma rede para capturar a cáfila esquerdista, embebida de "poire", com a qual o já não tão alerta sr. Ulysses Guimarães espera aquinhoar-se com a presidência da República! Ao contrário de Hamlet ("To be or not to be..."), o solilóquio de Sarney em Brasília é afirmativo: "Ser e não ser. Isto é o que interessa".

Quando parece delinear-se crise entre Executivo e Legislativo, os desmemoriados precisam capacitar-se de que Sarney e Ulysses são farinha do mesmo saco. O maléfico governo deles — pois ambos governam — levou os brasileiros a juntarem-se, pela primeira vez em nossa história, aos pobres das zonas meridionais na invasão das áreas acessíveis do Hemisfério Norte, à procura de meios de subsistência. Só não vão embora os que se asilam nas folhas de pagamento do serviço público e ameaçam elevar os dispêndios com funcionalismo federal a mais de 100% da arrecadação total! (A propósito, a Prefeitura do Rio, solúvel em água, gasta 80% da receita com pessoal.)

Tenhamos presente que, após a decretação da ruinosa moratória, a Comissão Executiva do PMDB deitou nota na qual se lia, entre outras sandices, o seguinte: "Não há como questionar a firme condução das negociações da dívida externa, em particular o trabalho do ministro Dílson Funaro, que teve a coragem de propor a suspensão do pagamento dos juros da dívida. Os problemas atuais foram provocados em grande parte por manobras externas, com o objetivo de obrigar o Brasil a ceder mais uma vez aos interesses das potências centrais". E mais adiante: "O PMDB respaldou desde o início a decisão do presidente Sarney e do ministro Funaro de decretar a moratória e reitera todo o apoio político para que eles levem o processo às últimas conseqüências". O besteirol informa que "o apoio político ao presidente Sarney provém de todos os setores do Partido".

Não é demais afirmar que Sarney e Ulysses não merecem a confiança da Nação. A indiferença com que desrespeitam cânones políticos e livremente perpassam todos os matizes do arco-íris ideológico não lhes dá credibilidade. Assim como se diz que uma rosa é uma rosa, é uma rosa, o oportunista é um oportunista, um oportunista e nada mais. Não é de admirar, portanto, que a Constituição elaborada sob tais lideranças venha a tornar-se inviável e logo após ser promulgada exigirá imediata revisão "de fond en comble". Não será possível ao País pagar o preço de mantê-la em vigor. O regime instaurado sob o princípio de que os indivíduos devem ser pagos para não trabalhar e as empresas prósperas têm que ser penalizadas impedirá o desenvolvimento econômico. A explosão demográfica e a xenofobia introduzidas no cenário apressarão o advento do caos. A obra dos Centrões (repletos de "empresários" clientes do estatismo), dos Centrinhos da Constituinte (prenhes de burocratas) e a confusa atuação do Executivo empurram o Brasil para a contramão da História, no entanto. Até Angola começa a emendar-se. Volta a admitir a propriedade agrícola particular, extingue controle de preços, liberaliza o comércio exterior, torna a taxa de câmbio mais realista e solicita ingresso no FMI. O semanário **The Economist**, de 5 de fevereiro, ao qual devemos a informação citada, comenta a propósito: "Os angolanos, embora ainda presos em aliança comunista, não mais têm um governo comunista, realmente".

Ao som de atabaque e cuícas — Axé! — e quando não estão submersos na lama ou esmagados nos desmoronamentos, os brasileiros vão alegremente dançando para trás, como naqueles filmes em que o operador roda a manivela ao contrário. A medíocre pasmaceira de certos momentos não nos deve iludir. "Quando se olha o passado, nada parece tão inofensivo quanto o começo de uma revolução. O seu alvorecer é sempre pouco nítido, tranqüilo, às vezes até comovente" (H.M. Enzensberger em **Política e Crime**. Trad. francesa, pág. 241).

Ao mesmo tempo em que a rataria burocrático-estatal e criptoempresarial devasta os celeiros públicos (a leptospirose é a doença expressiva da imundície da Nova República), os agentes-pastorais impregnados da Teologia da Libertação marxizada fazem o papel que os Narodnik desempenharam na fase preparatória da Revolução Russa. Vão diretamente ao povo, para sublevá-lo e torná-lo massa de manobra dos chefes do futuro regime totalitário. Quem viver, verá.

Octávio Thyrso de Andrade é ensaísta